

# AS NEVES DE KILIMANJARO

UM FILME DE ROBERT GUEDIGUIAN



SELECÇÃO OFICIAL  
UN CERTAIN REGARD  
FESTIVAL DE CANNES



LUX 2011  
EUROPEAN PARLIAMENT  
FILM PRIZE  
WINNER



ARIANE  
ASCARIDE

JEAN-PIERRE  
DARROUSSIN

GÉRARD  
MEYLAN

GRÉGOIRE  
LEPRINCE-RINGUET

MARILYNE  
CANTO

ANAÏS  
DEMOUSTIER

ADRIEN  
JOLIVET

ARGUMENTO E DIÁLOGOS JEAN-LOUIS MILESI E ROBERT GUEDIGUIAN

FOTOGRAFIA PIERRE MILON (AFC) SOM LAURENT LAFRAN ARMELLE MAHE DÉCORS MICHEL VANDESTIEN MONTAGEM BERNARD SASIA DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO MALEK HAMZAOUÏ ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO FERDINAND VERHAEGHE CHEFE DE PRODUÇÃO BRUNO GHARIANI  
GUARDA-ROUPA JULIETTE CHANAUD UMA CO-PRODUÇÃO AGAT FILMS & CIE E FRANCE 3 CINÉMA COM A PARTICIPAÇÃO DE CANAL +, CINÉCINÉMA E FRANCE TÉLÉVISIONS EM ASSOCIAÇÃO COM CINÉMAGE 5, LA BANQUE POSTALE IMAGE 4, SOFICINEMA 7 E COFRIMAGE 22  
COM O APOIO DE LA RÉGION PROVENCE-ALPES-CÔTE D'AZUR EM PARCERIA COM O CNC VENDAS INTERNACIONAIS FILMS DISTRIBUTION / MERCURE INTERNATIONAL DISTRIBUIÇÃO ATALANTA FILMES



# AS NEVES DE KILIMANJARO

um filme de **Robert Guédiguian**

livremente inspirado no poema “Les Pauvres Gens” de **Victor Hugo**

*PRÉMIO LUX 2012 - PARLAMENTO EUROPEU*

*SELECÇÃO OFICIAL - FESTIVAL DE CANNES - UN CERTAIN REGARD*

*PRÉMIOS CÉSAR - NOMEAÇÃO PARA MELHOR ACTRIZ*

*FESTIVAL INTERNACIONAL DE VALLADOLID - PRÉMIO DE MELHOR FILME E PRÉMIO DO PÚBLICO*

(...)

Elle dit : «À propos, notre voisine est morte.  
C'est hier qu'elle a dû mourir, enfin, n'importe,  
Dans la soirée, après que vous fûtes partis.  
Elle laisse ses deux enfants, qui sont petits.  
L'un s'appelle Guillaume et l'autre Madeleine ;  
L'un qui ne marche pas, l'autre qui parle à peine.»

(...)

L'homme prit un air grave, et, jetant dans un coin  
Son bonnet de forçat mouillé par la tempête :  
«Diable ! Diable ! dit-il, en se grattant la tête,  
Nous avons cinq enfants, cela va faire sept.  
Déjà, dans la saison mauvaise, on se passait  
De souper quelquefois. Comment allons-nous faire ?

(...)

Femme, va les chercher. S'ils se sont réveillés,  
Ils doivent avoir peur, tout seuls, avec la morte.  
C'est la mère, vois-tu, qui frappe à notre porte ;  
Ouvrons aux deux enfants. Nous les mêlerons tous,  
Cela nous grimpera le soir sur les genoux.  
Ils vivront, ils seront frère et soeur des cinq autres.  
Quand il verra qu'il faut nourrir avec les nôtres  
Cette petite fille et ce petit garçon,  
Le bon Dieu nous fera prendre plus de poisson.  
Moi, je boirai de l'eau, je ferai double tâche,  
C'est dit. Va les chercher. Mais qu'as-tu ? Ça te fâche ?  
D'ordinaire, tu cours plus vite que cela.  
- Tiens, dit-elle en ouvrant les rideaux, les voilà !»

*Les Pauvres Gens* - Victor Hugo

## SINOPSE



Apesar de ter perdido o emprego, Michel vive feliz com Marie-Claire. Amam-se há trinta anos, os filhos e os netos preenchem a sua vida, têm amigos muito chegados, orgulham-se dos seus combates sindicais e políticos e as suas consciências são tão transparentes como os seus olhares.

Mas esta felicidade vai desmoronar-se juntamente com a fechadura da porta perante o assalto de dois homens armados e mascarados que os amarram e lhes batem, e fogem com os cartões de crédito de ambos. O choque será ainda mais violento quando souberem que esta brutal agressão foi organizada por um dos jovens operários da sua comunidade...

## ENTREVISTA COM ROBERT GUÉDIGUIAN



### **Como surgiu a ideia de usar o poema “Les Pauvres Gens”, de Victor Hugo, como ponto de partida para este filme?**

Em 2005, ao escrever um texto que apelava ao voto contra a Constituição Europeia, referi os “pobres” do poema de Victor Hugo para caracterizar de uma forma geral “a nova configuração da classe trabalhadora”. Foi nessa ocasião que voltei a ler o poema. O final do poema, quando o pescador decide adoptar a filha da vizinha que morreu e se apercebe de que a sua mulher já havia tomado a mesma decisão anteriormente, trazendo-a para casa, é absolutamente comovente. Tanta bondade é exemplar. E para mais existe ainda a compreensão mútua, este gesto de afecto entre as duas personagens, o homem e a mulher, que são igualmente generosos. Pensei imediatamente que este seria um final magnífico para um filme. Tive apenas de criar um caminho contemporâneo para alcançar esse final.

**Depois de um thriller (“Lady Jane”) e de um filme histórico (“O Exército do Crime”) regressa ao tipo de filmes no qual começou.**

Estava completamente excluída a ideia de contar uma história sobre um pescador da Bretanha, no século XIX; o objectivo era fazer um filme que decorresse nos nossos dias, em Marselha, com Ariane Ascaride, Gérard Meylan e Jean-Pierre Darroussin. E, quer em 1980 com “Dernier été” ou em 1997 com “Marius e Jeannette”, queria fazer um balanço das coisas: do bairro onde nasci, Estoque, e dos “pobres” que viviam lá... Regressei ao lugar onde comecei a observar o mundo; para ver como se encontra hoje, para retirar, talvez, duas ou três verdades universais.



**É um filme que, mais uma vez, testa de forma bastante real o sentido da palavra “grupo”.**

Sob o meu ponto de vista, um dos assuntos mais sérios da sociedade actual é o facto de já não existir consciência de classe. No sentido em que já nem é possível dizer “classe trabalhadora; é por isso que falo de “pobres”. Ainda que a corrente noção de ser “pobre” não existir. Em França não existem hoje em dia aquelas indústrias gigantes onde, nos anos 1970 e ainda nos 1980, três milhares de trabalhadores saíam das fábricas. A consciência de classe nesses tempos não só era possível como óbvia: era corporizada por esses milhares de

homens de uniforme. E, naturalmente, essas pessoas estavam juntas, tinham interesses comuns mesmo quando tinham identidades distintas. Não existem dois tipos de populações, sendo uns os locais, empregados, sindicalizados e com casa própria... e os outros os imigrantes desempregados, delinquentes, de cidades do interior ou de subúrbios pobres. A política e o cinema podem trabalhar para desmascarar esse engano intelectual - e nesse ponto nunca mudarei de opinião: o essencial reside aí.



**Marie-Claire e Michel, as personagens interpretadas por Ariane Ascaride e Jean-Pierre Darroussin, são pais, e até avós.**

Trabalhar não só com uma geração mas com duas estava destinado a acontecer. No processo de escrita com Jean-Louis Milesi, decidimos que os dois casais principais, que teriam alguma idade, estariam rodeados de personagens muito jovens. Queria garantir que o assaltante não era a única pessoa da nova geração em oposição a Marie-Claire e Michel; este antagonismo entre gerações também acontece com os seus próprios filhos, que não entendem as escolhas dos pais. A Florence e o Gilles afastaram-se do círculo de familiares e amigos o que, na minha opinião, representa um retrocesso. Não querem por em perigo os seus pequenos confortos. Não estou a apontar o dedo, eles também têm a sua parte de problemas. O Gilles perdeu o emprego no estaleiro mesmo que tenha encontrado outros

trabalhos, e o marido da Florence tem de trabalhar em Bordéus. Está sempre a caminho do emprego o que acaba por tornar a vida diária de ambos complicada. Digamos apenas que eles perderam a capacidade de se indignarem. Compreendo que as pessoas tenham medo de correr riscos... porque ninguém quer perder aquilo que alcançou - é legítimo. Mas na história que queríamos contar, esta incapacidade de reagir é muito grave e, no final, são os pais a dar-lhes uma lição sobre coragem.

**O assaltante, embora da mesma idade que a Florence e o Gilles, debate-se com uma outra realidade.**

Para as novas gerações, tendo em conta os “novos pobres”, queríamos falar daqueles que, seriamente atingidos pela pobreza, estão mais revoltados do que os protagonistas, que encontraram um equilíbrio frágil possibilitado pelas circunstâncias.

O Christopher, por seu lado, ultrapassa a linha porque não tem outra escolha. Descobrimos que ele usou o dinheiro do assalto para pagar a renda e que a família dele é composta pelos dois irmãos, que ele cria sozinho.

**A agressão à Marie-Claire e ao Michel surge como um choque eléctrico para ambos.**

Eles são agredidos, no sentido mais literal da palavra, mas são também moralmente agredidos. Isto acontece na vida deles num momento em que uma situação deste tipo parece absolutamente impensável. São atacados por uma pessoa da sua classe e isso destrói-os intelectualmente, tendo em conta tudo aquilo pelo qual lutaram sempre - é insuportável para o casal. Apesar de terem poucos bens materiais, eles sentem, no final de uma vida de trabalho, que finalmente “conseguiram”. Todos os políticos e sindicalistas apontam para este facto: estamos a enfrentar uma viragem negativa do *status* social. É a primeira vez, em termos históricos, que estamos perante uma geração que viverá pior do que os seus pais.

**Neste filme, tal como é frequente nos seus filmes, para além dos temas sérios que já evocámos, existem outras pequenas coisas: ensinar as crianças a comer sardinhas, boicotar um talhante que age mal, conversar com uma idosa solitária a meio da noite...**

Adoro infinitamente as coisas banais que acontecem na vida todos os dias: café, recados, discussões... No cinema são os pequenos detalhes do cotidiano que, colocados na narrativa, acrescentam camadas e profundidade. Sempre escrevi cenas do cotidiano e nunca me canso de o fazer. E filmo-as, corto-as e edito-as de forma muito simples, para não contar nem mais nem menos do que elas são, sem qualquer sofisticação em particular: como a própria vida! O que não me impede de brincar comigo mesmo quando, de vez em quando, ao exagerar um pouco. Aqui, existem muitas costeletas, sardinhas e salsichas... AS NEVES DE KILIMANJARO é certamente o filme com mais churrascos da história do cinema.



**No filme, a única coisa unanimemente partilhada é o mar, que pode ser visto das janelas de todas as casas.**

Sim. Mas é também a visão deles do mundo do trabalho. E quanto ao trabalho: uns têm outros não. Cada janela é atravessada pelos enormes guindastes do porto de Marselha. Quando andámos em réperage, focámos a nossa atenção nos apartamentos em relação aos guindastes. Simbolicamente, é aí que a narrativa começa, com a primeira cena de um despedimento nas docas. Das casas de Michel e

Marie-Claire, dos seus filhos, de Raoul e Denise, de Christophe e mesmo da casa da Senhora Iselim (a idosa para quem Marie-Claire trabalha), o mar e os barcos podem ser vistos. Todos estes mundos são diferentes; existem as casas dos trabalhadores, os condomínios de porta fechada dos novos-ricos e os prédios decrepitos com rendas baixas. Mas a vista é a mesma para todos.

**Os planos são mais generosos do que nunca, por exemplo, o que enche o ecrã, o cenário, a forma como os actores entram em cena...**

Isso é porque estou mais velho! Deixo que as coisas aconteçam, respirem. Deixo que os planos vivam... talvez os forçasse anteriormente, os travasse. Sempre disse que dirijo actores no sentido rodoviário da palavra: sigam naquela direcção. Mas hoje, eu acredito que lhes dou mais liberdade, de mudar de uma faixa para a outra, de acordo com a sua sensibilidade; acompanho-os, danço com eles... Posto isto, volto a recuperar o controlo no processo de montagem com o meu editor, Bernard Sasia.

**O filme analisa as transformações e evoluções do mundo, bem como as suas próprias, e é por isso que Michel pergunta: o que pensariam as pessoas que éramos nós aos vinte anos daquilo que nos tornámos?**

É uma questão que a própria Ariane, eu mesmo, bem como vários outras pessoas do nosso grupo nos temos perguntado. Sempre avancei a questionar-me sobre o que a pessoa que eu era aos 20 anos pensaria da pessoa em que me tornei. E aos vinte, como deve suspeitar, eu era excessivo, revoltado. Diria mesmo que me obriguei a agir de forma a que o jovem rapaz que fui gostasse sempre do homem em que me estava a tornar: como se essa pessoa de vinte anos fosse o Grilo Falante, a minha consciência...

**Roubando um pouco de Malraux, declarou um dia que “o filme de cada homem é um filme que revela às pessoas a grandeza que existe dentro de si”.**

E mais do que nunca. A esperança está nessas pessoas e existem pessoas dessas. A esperança está na reconciliação de todos os pobres. E imaginei logo, como epílogo do filme, que quando saísse da prisão, Christophe se juntaria a Michel, Marie-Claire, Raoul e Denise e recomeçariam a batalha. Juntos.

# ROBERT GUÉDIGUIAN

## FILMOGRAFIA



**2011** - AS NEVES DE  
KILIMANJARO

**2009** - O EXÉRCITO DO CRIME

**2008** - LADY JANE

**2006** - LE VOYAGE EN ARMÉNIE

**2005** - UM PASSEIO PELA  
HISTÓRIA

**2004** - MON PÈRE EST  
INGÉNIEUR

**2002** - MARIE-JO ET SES 2  
AMOURS

**2000** - LA VILLE EST  
TRANQUILLE

**2000** - À L'ATTAQUE

**1998** - À LA PLACE DU COEUR

**1997** - MARIUS E JEANNETTE

**1995** - À LA VIE, À LA MORT!

**1993** - L'ARGENT FAIT LE  
BONHEUR

**1991** - DIEU VOMIT LES TIÈDES

**1985** - KI LO SA?

**1985** - ROUGE MIDI

**1981** - DERNIER ÉTÉ

# CRÍTICAS



★★★★★ - “Com AS NEVES DE KILIMANJARO, Robert Guédiguian regressa ao seu domínio. (...) Longe de constituir um regresso à rotina, o filme é um dos mais vibrantes do seu autor. ” (Les Inrockuptibles)

★★★★★ - “O melhor Guédiguian desde uma década, AS NEVES DE KILIMANJARO é um apaixonante filme de crise, onde as referências dos protagonistas entram em crise.”

★★★★★ - “Guédiguian oferece-nos uma história maravilhosa, ainda para mais colada à realidade, com a autenticidade de que só ele tem o segredo.” (Paris Match)

★★★★★ - “Um belo filme sobre a generosidade e o perdão.” (Le Parisien)

★★★★ - “Filme, lírico e comovente, que retrata a grandeza das pessoas comuns, os impulsos de sua generosidade, bondade e solidariedade. (La Croix)

# AS NEVES DE KILIMANJARO

## FICHA ARTÍSTICA

Ariane Ascaride - Marie-Claire

Jean-Pierre Darroussin - Michel

Gérard Meylan - Raoul

Maryline Canto - Denise

Adrien Jolivet - Gilles

Anaïs Demoustier - Flo

Grégoire Leprince-Ringuet - Christophe

## FICHA TÉCNICA

Argumento, Diálogos e Realização - Robert Guediguian

Argumento e diálogos originais - Jean-Louis Milési

Director de Fotografia - Pierre Milon

Cenários - Michel Vandestien

Montagem - Bernard Sasia

Som - Laurent Lafran